

As prostitutas também são mães: Contornos e conteúdos de uma condição (quase sempre) extrema

Manuela Ribeiro *

1. Introdução

A construção do texto desta comunicação decorre de dados apurados no âmbito de um projecto de investigação sobre "prostituição feminina em regiões de fronteira"¹ financiado pela FCT e desenvolvido em conjunto por três universidades, a saber: Universidade do Minho (UM), Universidade da Beira Interior (UBI) e Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (UTAD).

O território de incidência da pesquisa cobre praticamente toda a linha de fronteira do interior norte de Portugal, e correspondentes territórios espanhóis de Castilla-León e da Galiza. Dentro deste vasto espaço geográfico, demarcámos para efeitos de observação empírica, um perímetro de cerca de 50 quilómetros para cada lado da linha de fronteira, delineando assim e a em traços largos, um espaço transfronteiriço, aonde, nos últimos anos se têm vindo a multiplicar os indícios e as evidências sobre o crescimento de actividades ligadas à prostituição feminina, como de resto os meios de comunicação social do país e do estrangeiro têm vindo a apregoar ao longo dos últimos meses.

As mulheres constituem o núcleo central dos interesses deste projecto e sobre elas, tratámos essencialmente de saber sobre as suas reais condições de existência, os percursos biográficos que as conduziram à prostituição, sobre os constrangimentos, problemas e dificuldades que lhes condicionam os quotidianos de vida e de trabalho, as representações e avaliações que fazem da actividade a que se dedicam, as expectativas e finalidades que as orientam, para, entre outros, poder fundamentar sugestões e propostas de acção política e social, tendentes a melhorar os seus contextos de vida e, em última instância, a propiciar-lhes condições para poderem, efectivamente, tomar decisões em relação à prostituição.

Nesta comunicação centraremos, todavia, a nossa abordagem nalguns aspectos relativos à condição de mães das mulheres que se prostituem. Sendo embora e como o nosso estudo acabou evidenciando, uma condição corrente entre estas mulheres e de central importância nas suas vidas, tem, no entanto, sido um tema consideravelmente negligenciado e omitido nas análises e estudos realizados em torno da prostituição feminina. Trataremos, assim, de dar visibilidade à prevalência da condição de mães entre as mulheres prostitutas e, simultaneamente, de ressaltar um conjunto de regularidades adversas que a investigação detectou como coincidentes e recorrentes nesta condição e que, em larga medida, a uniformizam, compondo o que podemos designar como um tipo particular de mães. E embora tal tipo de mães não seja, de todo, exclusivo do mundo da prostituição, dentro dele, e mais especificamente dentro do que foi contemplado pelo nosso estudo, é o dominante, para não dizer mesmo o exclusivo. A constatação que acabamos de explicitar encerra, em si mesma, duas ressalvas que, apesar da evidência imediata dos seus enunciados, faz sentido recuperar sempre que o objectivo seja o de procurar compreender e explicar o fenómeno da prostituição. Trata-se, em última instância, de deixar claro que nenhuma condição social determina o exercício da prostituição, ie, a prostituição não é destino de ninguém e, por outro lado, que certas condições sociais, pelos factores que as

* Socióloga, Professora Associada, Departamento de Economia, Sociologia e Gestão; UTAD, Vila Real.

¹ Project SAPIENS/99 (POCT1/36472/SOC) "*Female Prostitution in Portuguese Semiperipheral Border Areas*".

estruturam, com particular destaque para os factores de natureza material e, bem assim, pelas circunstâncias particulares que as configuram, podem condicionar e quase sempre condicionam de forma mais marcante e mais decisiva o exercício da prostituição. Este aspecto será também abordado na análise, que a seguir desenvolvemos, na qual procuraremos ainda explorar e esclarecer vínculos e relações que se cruzam e se tecem entre a maternidade e a prostituição.

Para efeitos desta comunicação, tomaremos como referência mais imediata apenas o universo da pesquisa correspondente à UTAD, ou seja, os espaços transfronteiriços compreendidos entre Vinhais, Bragança /Alcanices, Zamora e Chaves, Montalegre /Verin, Xinzo de Límia. Por aqui, a modalidade predominante de prostituição feminina tem sido a chamada prostituição abrigada, a que se desenvolve no contexto dos chamados *clubes*, um eufemismo importado da vizinha Espanha e largamente equivalente ao tradicional bordel.

Os dados em que assenta a construção deste texto, reportam-se a um conjunto de 100 mulheres e foram captados, fundamentalmente, através de um inquérito estruturado e estandardizado, abarcando um amplo espectro de questões e através da realização de entrevistas livres e aprofundadas destinadas à construção de "histórias de vida".

2. A condição de mães das mulheres que integram a oferta da prostituição em clubes nas zonas de fronteira - uma regularidade num universo extremamente heterogéneo e volátil

Como já deixámos dito, a prostituição feminina de clubes é a modalidade que predomina nos espaços transfronteiriços que pesquisámos.

O universo de mulheres que exerce a actividade de prostituição nestes clubes é bastante heterogéneo e diversificado, por serem muito variadas as razões, os objectivos e as formas por quê e como estas mulheres chegam à prostituição nos estabelecimentos desta faixa territorial transfronteiriça de que nos vimos ocupando, como variados são também os seus perfis pessoais, as suas experiências de vida passada e as suas expectativas em relação ao futuro, ainda assim, os resultados da nossa observação, deixam expostas algumas regularidades que tomamos como os grandes denominadores comuns, como traços mais significativos de caracterização do colectivo de mulheres que encontramos e abordámos no terreno. Entre elas sobressai a condição de mães que uma larga maioria exhibe. Antes, porém de entrarmos na sua análise, deixamos a título de referências de enquadramento, algumas notas sobre outros dois tipos de regularidades significativas igualmente apuradas neste universo de mulheres que se dedicam à prostituição, a saber:

2.a. Um universo dominado por mulheres vindas de longe, de muito longe...a grande maioria é de origem extra-comunitária

Nos *clubes* de ambos os lados da fronteira, as mulheres autóctones, portuguesas e espanholas, parecem estar a tornar-se numa categoria relativamente residual. A presença de mulheres espanholas é muito baixa nos clubes espanhóis e nula nos que funcionam no lado português. E quanto às portuguesas, o seu número tem vindo também a registar um claro declínio, mais notório, todavia, nos *clubes* espanhóis, aonde num passado ainda bem recente, elas terão chegado a constituir o grupo maioritário. Tão pouco consta que, por aqui, prestem serviço mulheres com nacionalidade de outros países da União Europeia (Ribeiro e Sacramento, 2002).

A melhoria dos níveis médios de vida registada nos países da Europa comunitária, e em particular nos mais desenvolvidos, aonde o crescimento económico fez multiplicar as fontes de emprego e de rendimento e permitiu a construção de generosos esquemas de protecção social, terá seguramente contribuído para minimizar muitos dos factores conducentes à entrada das mulheres na prostituição. Assim sendo, os países menos desenvolvidos, penalizados por

desfavores de toda a espécie, mormente os engendrados pelos enviesamentos que permeiam as suas relações económicas com os países do centro, tornam-se, no actual contexto de globalização, áreas privilegiadas de recrutamento de mulheres, em regra, de mulheres pobres, vulnerabilizadas por carências de vária ordem e pressionadas a encontrar respostas, mais ou menos urgentes, de sobrevivência (Bonelli e Ulloa, 2001). Daí a extraordinária diversidade de proveniências das mulheres que, actualmente alimentam a actividade da prostituição nos países mais desenvolvidos do Norte.

Ao que pudemos apurar, a oferta actual nos territórios transfronteiriços, é de longe constituída por mulheres de origem latino-americana, mais em concreto, brasileiras, colombianas e dominicanas, as primeiras predominando no lado português, as segundas no lado espanhol.

Das cerca de 110 mulheres, com quem a equipa da UTAD realizou inquéritos e entrevistas, seguramente que à volta de 80% são brasileiras, a mesma percentagem que se verifica quando consideramos as muitas mais que também abordámos, mas que não lográmos inquirir.

Fora destas três nacionalidades, mas com uma representatividade incomparavelmente menor, encontram-se também mulheres de origem africana, nomeadamente nigerianas, angolanas e guineenses.

À data de realização do trabalho de campo, a presença de mulheres de Leste Europeu, que hoje em dia e de forma cada vez mais notória, povoam os principais pólos de prostituição, nos países do chamado primeiro mundo era ainda muito incipiente em clubes de prostituição da raia luso-espanhola do Norte.

A esmagadora presença de mulheres latino americanas por estas paragens justifica-se sobretudo por questões de afinidade cultural, mormente linguísticas, mas no meio, diz-se também que é pelo enorme atractivo que elas suscitam entre a actual procura de ambos os lados da fronteira. Com efeito e como foi constantemente verificado ao longo da realização do trabalho de campo, as orientações de escolha dos clientes, parecem, por agora, concentrar-se maioritariamente nas mulheres de origem latino-americana, mais em concreto e como deixámos dito, brasileiras, colombianas e dominicanas, por serem "mais carinhosas", "mais permissivas", "mais comunicativas", "mais desinibidas" "mais expressivas", "mais abertas", "mais calorosas" e "mais meigas", para citar apenas algumas das expressões mais correntemente invocadas como justificação das preferências por agora dominantes entre os clientes destas zonas (Ribeiro e Sacramento, 2002).

2.b. Um universo dominado por mulheres de baixa e muito baixa origem social

A grande maioria das mulheres por nós contactadas exhibe percursos de vida vincadamente marcados e conformados por situações de pobreza estrutural mais ou menos extrema. Pertencentes a grupos sociais da mais baixa condição económica das regiões e estados mais pobres e menos desenvolvidos dos respectivos países de origem, a fome, a falta de meios de subsistência mais elementar, as carências materiais de todo o tipo - da habitação, à saúde e outros -, a precariedade laboral, o desemprego, os salários de miséria e ainda assim quase sempre incertos, são, entre outros, elementos integrantes e recorrentes de quase todos os relatos de histórias de vida destas mulheres. Para a maior parte delas, a experiência de viver com a mera sobrevivência quotidiana permanentemente em dúvida e sobretudo em défice acompanha-as desde a família de origem e reproduz-se na que elas próprias constituíram.

As políticas neoliberais postas em prática pelos governos dos seus países no âmbito do chamado Consenso de Washington e os efeitos detrimenais impostos à *performance* das economias dos países mais pobres pela domínio e controle da ordem económica mundial por empresas e instituições transnacionais têm vindo a fazer crescer a pobreza, o desemprego e os baixos salários praticados e, conseqüentemente, a restringir muito severamente as oportunidades

locais para afrontar e mais ainda para reverter o ciclo de miséria e de exclusão social em que camadas cada vez mais amplas da população se vêem enredadas.

2.c. Um universo dominado por mulheres que são mães

Um outro aspecto recorrente neste universo de mulheres é a sua condição de mães. Com efeito e numa percentagem que ronda os 75% do total das que foram formalmente entrevistadas, estas mulheres têm filhos, um facto que se revela como poderosamente condicionante da configuração dos seus percursos de vida em geral, da construção da sua identidade e das suas decisões relativas à prostituição, em particular. A percentagem de mães é, todavia, ligeiramente mais elevada quando se considera apenas o conjunto das mulheres estrangeiras que são abrangidas por esta investigação.

A generalidade das mulheres que entrevistámos, partilha, enquanto mães, uma série de factores comuns, que concorrem para as individualizar como categoria especial de mães. Dentre esses factores, ressaltam os que a seguir passamos a detalhar.

2.c.1. Uma maternidade muito precoce e quase sempre accidental

A esmagadora maioria das mulheres foi mãe pela primeira vez em idades bastante jovens. Podem, porém definir-se neste universo de maternidades precoces duas tendências relativamente distintas:

A mais geral e comum é a de jovens que se tornaram mães no contexto de relações de namoro / enamoramento quase sempre de carácter fortuito e casual.

Uma outra, que abrange as mulheres que casaram ou se uniram para constituir família própria e, já dentro desse contexto, engravidaram e foram mães. Dado que a maior parte dos casamentos e uniões se concretizou quando estas mulheres eram ainda adolescentes, foi também na adolescência que lhes nasceram os primeiros filhos.

A primeira situação recobre, como dissemos, a ocorrência da maternidade no quadro de relacionamentos identificados como de namoro, em regra, namoros de tipo casual, fortuito e de data recente. São efectivamente bastantes as que se tornaram mães na sequência mesmo da primeiras experiências sexuais.

- *Fiquei grávida, com 15 anos, logo no 1º mês do namoro* (brasileira de 29 anos)
- *Da primeira vez que tive relações sexuais, tinha eu 15 anos, fiquei logo grávida* (brasileira de 34 anos)

Em 70% dos casos estudados, a primeira vez aconteceu em idades abaixo dos 17 anos, a esmagadora maioria dos quais entre os 13 e os 17. A iniciação sexual aparece, na imensa maioria das respostas, reportada a um quadro de namoro/enamoramento com rapazes solteiros, colegas de escola e vizinhos, quase sempre mais velhos do que elas, num ou noutro caso, porém, de idades coincidentes. Parceiros acima dos trinta anos representam cerca de 13% do total das respostas, e neste segmento etário cai a totalidade dos que eram casados e divorciados e que foram mencionados por cerca de 10% das mulheres. A declaração de envolvimento voluntário e espontâneo das jovens nestas primeiras experiências sexuais é uma nota dominante das respostas apuradas e estende-se inclusivamente a alguns dos casos em que os parceiros eram homens bem mais velhos e já casados.

- *Eu tinha 13 anos, ele 38 e era casado. Mas eu gostava dele. Não fui forçada a nada* (brasileira de 25 anos)

- *Eu tinha 16 anos e ele 28. Para ele eu era apenas mais uma aventura, mas eu tinha ele como o homem da minha vida, como o único. Por isso me entreguei a ele.* (brasileira de 30 anos)
- *Ele era casado e tinha 35 anos. Eu apenas 15. Mas estávamos enamorados e nos queríamos muito* (dominicana, 34 anos)

Destoando do que é comum achar-se na literatura sobre o tema, no conjunto das mulheres com quem contactámos, os casos explicita ou implicitamente referenciados como de iniciação sexual forçada são relativamente raros, à volta de 10 no total, envolvendo pessoas de família - padrasto, primos, irmão, mas também namorados e/ou simples conhecidos.

- *Com 11 anos fui violada pelo meu irmão que tinha, então, 16.* (portuguesa de 34 anos)
- *Aos 17 anos, fui violada por um colega de trabalho. Fui embebedada e drogada, depois acordei no hotel sem me lembrar de nada.* (brasileira de 34 anos)
- *Eu tinha quinze anos e não queria ter relações sexuais com o meu namorado. Tinha muito medo de engravidar ou de os meus pais ficarem sabendo. Considero que fui praticamente violada.*(brasileira de 26 anos)
- *Ele [o namorado] tinha 21 anos e eu 14.. Ele era mais mais velho e quase que me obrigou a ter relações com ele.*(colombiana de 24 anos)

Nenhuma destas situações foi, porém, expressamente associada a abuso sexual continuado nem à ocorrência de gravidez e maternidade.

A primeira gravidez pegou muitas delas de surpresa, - "a minha mãe é que descobriu que eu estava grávida. Eu nem imaginava" (brasileira de 24 anos); "Já com 16 anos engravidei e eu nem sabia. Quem descobriu que eu estava grávida foi a minha tia, eu não tinha nem noção de gravidez (brasileira de 29 anos) - e marca uma viragem decisiva e quase sempre de sentido negativo na vida destas jovens, acelerando-lhes abruptamente o processo de crescimento como pessoas - "Fui mãe com 14 anos. Quase que não tive infância!" (brasileira de 25 anos). - e contribuindo para o empioramento das respectivas condições materiais de existência.

A ignorância, a falta de informação, a incapacidade financeira e os valores religiosos, mas acima de tudo "a vontade de ser mãe", são os argumentos mais frequentemente invocados como explicação para a quase total ausência de referências a processos de interrupção voluntária destas gravidezes não planeadas, na sequência das quais algumas destas jovens se acharam encaminhadas pela família ou pelas circunstâncias para o casamento ou a união de facto com o pai da criança.

Construídos, basicamente, como processos aditivos de precariedade e insuficiência materiais e de imaturidade pessoal, estas uniões formais levavam a falência inscrita como destino, e no final da sua mais ou menos curta e não raro muito conturbada existência, as mulheres acharam-se sós, com os filhos que as levaram ao casamento e os mais que dele lhes resultaram.

- *Eu tinha 17 anos, tantos como ele. Juntámo-nos por causa da filha que eu fiquei esperando. Mas não deu certo. Durou apenas seis meses. Ele era um irresponsável.* (brasileira de 26 anos)
- *Com treze anos fiquei grávida. O meu namorado tinha 15. Vi-me rejeitada pela família e juntei-me com ele. Tivemos outros filhos juntos, mas acabámos nos separando, pois não nos entendíamos.* (brasileira de 29 anos)
- *Com 14 anos fiquei grávida do meu namorado que tinha 24. Por isso casei com ele. Tive mais dois filhos durante o casamento, que correu sempre muito mal e acabou ao fim de cinco anos, porque ele nunca ganhou responsabilidade para cuidar da família.*

Num número bastante significativo de inqueritos, apurou-se, porém, que na sequência da confirmação da gravidez, as jovens foram liminarmente abandonadas pelos respectivos namorados / parceiros, muitos dos quais nunca chegaram sequer a assumir formalmente ou de facto a paternidade das crianças. Com efeito, do universo de filhos que constituem a base de referência deste texto, 16% nunca foram sequer reconhecidos pelos respectivos pais e ainda hoje continuam sendo apenas filhos de suas mães.

A par deste perfil de maternidade, encontramos também os casos das mulheres que foram mães dentro de quadros relacionais considerados como mais convencionais, à luz dos padrões socialmente dominantes nos respectivos contextos sociais de pertença, ou seja, tiveram os filhos dentro de casamentos ou uniões relativamente formalizadas. Mas também nestes casos, a maternidade aconteceu cedo, já que a maioria das mulheres que se casou ou se uniu para formar família própria, o fez, como já dissemos, sendo ainda adolescente. Embora a maioria faça uso de argumentos de natureza afectiva para justificar compromissos tão precoces, não faltam também as que admitem ter casado cedo por razões mais pragmáticas e instrumentais.

- *Casei com 16 anos. Não casei por paixão. Tanto que só namorei 5 meses. Casei para sair de casa. Porque o meu pai segurava muito a gente. Não deixava a gente sair, era à moda antiga. Era evangélico e tinha medo que a gente se desencaminhasse. Eu casei mais foi por isso. (brasileira de 33 anos)*
- *Com treze anos, eu casei. Com um homem de 22. Minha madrasta me botou para fora de casa e eu não tinha aonde viver. Passava uma fome desgramada. Não tinha roupa, não tinha calçado...parecia uma mendiga. Uma antiga professora minha e uma freira arranjaram para eu casar para ver se melhorava de vida. Casei dia 12 de Outubro, dia 12 de Janeiro eu vim embora e, graças a Deus, nunca mais vi ele. (brasileira de 29 anos).*

2.c.2. Uma maternidade multiplicada

A maioria destas mães (58%) tem mais de um filho, sendo que apenas 13% vai além dos dois. Com frequência, mais precisamente em 32,5% das respostas, os filhos são também de pais diferentes. Esta diversidade dos pais emerge como expressão da sucessão de relacionamentos fracassados, que a generalidade destas mulheres foi acumulando ao longo dos percursos que precederam a sua entrada no mundo da prostituição. Com efeito, a contabilização de sucessivos "casos" relacionais do mais variado tipo e da mais diversa duração, constitui um traço comum dos relatos de vida por nós recolhidos.

- *Eu sou muito apaixonada e por isso tive muitos namorados. Nem dá para contar todos. Mais de 30 para aí! Mas nenhum muito firme. Nunca tive um namoro que durasse mais de 6 meses. Com o pai do meu filho até que namorei mais tempo, mas não seguido. Eles me largavam, eu largava eles ,e no final, era sempre um desespero. (brasileira de 24 anos)*
- *Tive vários namorados no passado. Mas as minhas relações nunca deram certo. Eu penso que era porque eu sou complicada por demais (brasileira de 27 anos).*

2.c.3. Uma maternidade com responsabilidade principal, não raro mesmo exclusiva, pela criação dos filhos

Por razões e caminhos diversos, a quase totalidade (cerca 92,7%) destas mulheres mães acha-se hoje na condição de solteiras (56,5%), separadas / divorciadas (33,3%) ou viúvas (2,8%),

com filhos dependentes. São, com efeito, filhos maioritariamente crianças (25,3% têm menos de 5 anos, 27,9%, entre 5 e 10 anos), e adolescentes (20,7% têm entre 10 e 15 anos, 16,2% entre os 15 e os 20).

Estas mães são, num grande número de casos, as únicas responsáveis pela criação dos respectivos filhos, uma situação que muitas das inquiridas identificam através da expressão - "tenho sido o pai e a mãe deles (filhos)". A maioria das que assim falam tem tido este encargo desde sempre, isto é, desde que os filhos nasceram, sendo que a correspondente paternidade praticamente se esgotou no acto da concepção

- *O pai nunca viu ela sequer!*(brasileira de 21 anos)
- *Os dois mais velhos nem conhecem o pai* (brasileira de 28 anos)
- *O pai não assumiu o filho. Por isso tive que ser eu sozinha a virar-me* (angolana de 26 anos)

A separação dos maridos ou companheiros é também e com muita frequência, motivo para os pais desertarem da vida dos filhos e eximirem-se aos mais elementares deveres de assistência material, deixando as mães com o encargo total da mesma.

- *Estive 23 anos casada. Ao fim desse tempo todo meu marido me deixou, com uma filha que ainda está fazendo faculdade. Ele foi embora e eu é que tenho de manter as despesas todas da casa. Ele não contribui com nada, com nada.* (brasileira de 48 anos)
- *Desde que se divorciou, ele [o pai] não se interessa mais pela filha* (colombiana de 24 anos)

Neste grupo acham-se também algumas mulheres, que a morte dos maridos converteu em mães sozinhas. No total dos inquiridos considerados, as mães de 56% dos filhos contabilizados declararam que os respectivos pais não participam, em absoluto, nas correspondentes despesas de criação, um encargo que, portanto, lhes toca a elas assumirem integralmente.

Se ao conjunto já de si elucidativo de respostas negativas à pergunta sobre a participação dos pais nas despesas, somarmos as respostas de tipo "raramente", "só de vez em quando" ou "só quando pode", então a extensão e o alcance da responsabilidade materna pela subsistência dos filhos, ficam plenamente expostos.

Descontando os casos das mães viúvas, em que a morte justifica automaticamente a falta de contribuição material dos pais, nos restantes, apenas num número muito irrelevante de respostas (3) a mesma aparece justificada como involuntária, por razões de desemprego e de pobreza.

Mas a ausência de apoio material por parte dos pais tende, com frequência, a coincidir e a replicar-se também em omissões no campo afectivo, como decorre da análise das respostas à pergunta sobre o relacionamento entre os filhos e os pais deles.

- *Relacionamento muito ténue* (brasileira de 25 anos)
- *Praticamente os filhos nunca o vêem (ao pai)* (brasileira de 23 anos)
- *Não existe* (colombiana, 34 anos)
- *É tão raro que nem dá para classificar* (brasileira de 31 anos)
- *Não liga muito à filha, nem quer saber dela* (brasileira de 26 anos)
- *Elas gostam muito do pai, mas ele é muito falso. Interessa-se pouco por elas* (marroquina de 37 anos)
- *Eles sentem que o pai os abandonou* (dominicana de 27 anos)

Com condições e estatutos laborais muito precários, quer em termos de acesso e de garantia de emprego quer, sobretudo, em termos remuneratórios, com famílias de origem, em regra, muito pobres e desprovidas de recursos e por consequência sem grandes possibilidades de

ajudar, sem o respaldo de esquemas ou medidas de protecção social, o desamparo material destas mães e destes seus filhos tende a fazer-se muito extenso e severo, deixando-os muitas vezes à beira de situações limite, como revelam as citações que a título de exemplo passamos a transcrever:

- *Cheguei a não ter dinheiro para comprar o leite para ela [a filha] (brasileira de 27 anos)*
- *Vi-me só e aí eu tive que fazer o quê? Pegar dinheiro a juro, e fui fazendo dívida, fui fazendo dívida, fazendo dívida, fui ficando louca, desesperada, ninguém me ajudava...(brasileira de 37 anos)*
- *Eu sempre trabalhei de costureira, mas nunca trabalhei tanto como nos últimos cinco anos, quando o meu marido me deixou e aí eu tive que arcar com todas as responsabilidades da casa ...Mas mesmo assim não dava. Tinha dias que que a minha filha não tinha dinheiro para almoçar na faculdade, não tinha dinheiro para lanchar...chegava a desmaiar por não comer... (brasileira de 48 anos)*

A extensa e enorme precariedade económica que domina os seus quotidianos, o leque extremamente restrito de oportunidades de vida que lhes são acessíveis nos seus contextos de origem, as muitas e insuperáveis dificuldades para, sozinhas, afrontarem a criação dos filhos aparecem, directa e indirectamente, apontados como o primeiro e o principal factor subjacente à entrada na prostituição por parte das mulheres inquiridas que são mães.

- *Se o meu marido me ajudasse eu não teria vindo para cá (colombiana de 23 anos)*
- *Se o meu casamento tem corrido bem, se meu marido ainda estivesse cuidando dos filhos, eu com certeza não estaria me prostituindo brasileira de 28 anos)*
- *Se a relação do pai dos meus filhos comigo não tivesse acabado, muito dificilmente eu teria entrado na prostituição (dominicana de 34 anos)*
- *Quando vim para Portugal, deixei muita dívida no Brasil. Na farmácia, na mercearia. Algumas tinham já mais de 4 anos. O nosso guarda-roupa cabia todo num pau de vassoura. Para tirar meus filhos da miséria, eu tive mesmo que vir para a noite (brasileira de 24 anos)*

"Dar melhor vida / educação aos filhos", "ganhar mais dinheiro" "pagar dívidas / hipotecas", " ajudar a família", são as respostas que concentram a quase totalidade das respostas das mulheres mães sobre as principais razões que as conduziram até ao exercício da prostituição, e em especial à prostituição no mundo dos mais ricos, em países europeus, do outro lado do mundo, antevista como a forma mais rápida, mais acessível e, sobretudo, mais eficiente de lograr aquelas metas.

Mas o papel central que estas mães assumem na criação dos filhos, vai muito além dos meios materiais que providenciam. Quase todas longe e separadas dos filhos, fazem de tudo para continuarem presentes nas suas vidas e participarem, na medida do possível, nos seus quotidianos, como eloquentemente revela a elevada regularidade de contactos que mantêm com os filhos. Mais de 85% destas mães diz que o faz *diariamente* (a maioria), *de dois em dois dias, duas vezes por semana, uma vez por semana*. As restantes dizem que, em média, os contactam, de duas em duas semanas ou uma vez por mês, e apenas uma minoria insignificante reporta contactos mais espaçados ou mais insignificante ainda, ausência de contactos, sendo estes últimos casos imputáveis a restrições impostas por pais que mantêm os filhos à sua guarda.

- *Com a minha filha, que ficou com a avó, falo todas as semanas. Mas com o meu filho, que vive com o pai, não falo nunca. O pai dele, já há muito tempo que me proibiu de o contactar (brasileira de 26 anos)*

O telefone é o meio que todas usam para saberem dos filhos, para lhes providenciarem atenção, carinho, ternura, cumplicidade, conselhos, recomendações, reprimendas e demais ingredientes que compõem o seu papel de mães.

- *Todos os dias falo com a minha e o meu filho no telemóvel. É uma despesa e tanto.* (brasileira de 24 anos)
- *Falo diariamente com o meu filho. Se eu não falo, eu fico louca*(brasileira de 27 anos)
- *Telefone todos os dias para o Brasil a saber dos meus filhos. O meu telemóvel é o meu chulo* (brasileira de 35 anos)
- *O meu menino só tem 18 meses. Todos os dias ligo para a minha mãe para saber como ele está* (colombiana de 23 anos)
- *Ligo todo o dia para os meus filhos. Gasto 25 euros por dia em telefone* (brasileira de 31 anos)

2.c.4. Um maternidade valorizada acima de tudo

Pesem embora a muito dura e muito pesada carga que a maternidade impõe a estas mães, o amplo espectro de problemas, constrangimentos e limitações que introduz nas suas vidas, o tamanho desmesurado do preço que são obrigadas a pagar por ela, ainda assim, a esmagadora maioria não hesita em considerá-la como a mais importante e mais gratificante dimensão das suas vidas. Cerca de 90% das inquiridas avalia a sua condição de mães como "boa" e "muito boa".

- *É uma bênção de Deus* (brasileira de 24 anos)
- *É uma experiência linda* (brasileira de 18 anos)
- *A melhor experiência do mundo* (brasileira de 27 anos)
- *Foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida* (brasileira de 30 anos)
- *Ser mãe é a coisa mais fantástica* (brasileira de 27 anos)
- *É maravilhoso ter um filho* (brasileira de 31 anos)
- *É uma coisa fascinante. Nem se pode explicar* (brasileira de 22 anos)

Consideram os filhos como o epicentro, a principal fonte de sentido das suas vidas e invariavelmente identificam a procura da garantia do bem-estar e da felicidade dos mesmos como o primeiro dos seus objectivos e a maior de todas as suas preocupações.

Não estranha, assim, que os filhos apareçam como a referência mais insistente e mais determinante das suas principais decisões no que toca à prostituição. Por eles, por amor deles, justificam, como vimos, a vinda para a actividade; para eles canalizam quase religiosamente os proventos que dela auferem; às necessidades deles e aos projectos que tecem para eles subordinam a concretização dos planos, que todas dizem ter, de abandonar o modo de vida que agora têm.

- *Sou mãe e é pelas minhas filhas, pelo amor que lhes tenho, que eu estou nesta vida* (marroquina de 37 anos)
- *Eu estou nesta vida para dar para elas o que eu nunca tive* (brasileira de 32 anos)
- *Estou a vender-me para dar um sustento melhor para os meus filhos* (brasileira de 26 anos)
- *Eu não estou aqui por gosto. Estou nisto pelo meu filho* (colombiana de 23 anos)
- *Sou viúva e mãe de duas filhas e é por elas que faço o que faço. Para elas não passarem necessidades, nem agora nem no futuro* (brasileira de 30 anos)
- *Eu gostava de sair logo desta vida. Mas se for para que o meu filho não passe mal, eu posso até ficar a vida toda na noite* (brasileira de 24 anos)

- *Eu tenho os meus filhos como a coisa mais sagrada do mundo. Por eles é que eu estou aqui me sacrificando.*(brasileira de 35 anos)

Enquanto indicador do valor que atribuem aos filhos, esta noção de sacrifício maternal que de forma textual, ou apenas implícita surge, amiudadas vezes, no discurso destas mulheres associada ao exercício da prostituição, ganha, todavia, um significado muito mais preciso, quando se constata que a imensa maioria destas mães vive este sacrifício em segredo, em silêncio, à revelia do conhecimento dos filhos que o inspiram e dele aproveitam e no profundo temor de que eles o venham a descobrir. A pergunta sobre se existe alguém que gostaria que nunca tivesse conhecimento da sua actividade, recolhe os filhos como a mais elevada frequência de respostas, por parte das inquiridas que são mães.

Preservá-los da contaminação do estigma social que as persegue (Pheterson, 2000; Briz, 2002; APDHA, 2003; Ribeiro e Sacramento, 2005²) e preservarem junto dos filhos uma imagem de mulheres e de mães conforme aos cânones e aos preceitos da moral socialmente vigente, isto é, uma imagem que não ponha em causa a sua aceitação, são objectivos que empenhadamente perseguem, em nome dos quais se vêm forçadas a esconder e a disfarçar o seu verdadeiro modo de vida, uma ocorrência que é, de resto partilhada pela maior parte das mulheres que, aqui e em qualquer outro lugar, se dedicam à prostituição (Mathieu, 2003). Vivem, assim, relativamente aos filhos e por causa dos filhos, numa permanente representação, num faz de conta que é, simultaneamente, um permanente sobressalto, dado o risco de vir a ser descoberto.

- *Elas [as filhas] sabem que eu estou fora batalhando pelo futuro delas. Mas não sabem verdadeiramente o que estou fazendo. Se viessem a saber, eu nem sei como iria reagir, como iria olhar na cara delas. Seria uma decepção!* (brasileira de 30 anos)
- *Os meus filhos pensam que estou a trabalhar como empregada doméstica. Se soubessem a verdade não gostariam. Seria um golpe muito duro para eles* (dominicana de 34 anos)
- *Sinto muita vergonha só de pensar que os meus filhos poderão vir a descobrir. Nem sei qual seria a reacção deles. Tenho muito medo que eles me rejeitem* (colombiana de 33 anos)
- *Antes quero apanhar sida do que os meus filhos venham a saber sobre a minha ocupação. De todo o jeito, vou ter que morrer!* (brasileira de 25 anos)
- *Se os meus filhos souberem, vai ser uma vergonha. Não é uma vida de que uma mãe se possa orgulhar. Por isso, peço a Deus para sair dela o mais rápido possível* (brasileira de 26 anos)
- *Estou divorciada. Se se viesse a saber em que é que eu trabalho, o meu ex-marido podia tirar-me as filhas. Quando cheguei a Espanha, comecei por trabalhar num restaurante. Enquanto lá estive, fiz umas fotos e mandei-as para a família. Até hoje acreditam que eu continuo como empregada de restaurante* (equatoriana de 34 anos)
- *Se o meu ex marido soubesse, tirava a guarda dos meninos. Ele pensa que eu sou cabeleireira* (brasileira de 32 anos)

Falar delas como mães, dos seus filhos, do que têm feito e fazem por eles e do muito mais que estão disponíveis para fazer, revelou-se como o assunto mais motivador e o que mais interesse e espontaneidade suscitou por parte da generalidade das mulheres inquiridas. E não raro as respostas às perguntas desta parte do inquérito foram mesmo complementadas

² Artigo aceite para publicação, em 2005, no European Journal of Women Studies

com a exibição de fotos dos filhos, de informações escolares, de desenhos que estes lhes ofereceram num qualquer passado "dia das mães".

3. Breves notas de síntese

Os dados apurados na nossa investigação mostram que a condição de mãe tem uma enorme representatividade no conjunto das mulheres que se dedicam à prostituição em clubes das áreas transfronteiriças do norte interior do País, muito especialmente entre as que são imigrantes.

São, no geral, mães sozinhas - solteiras, divorciadas separadas e viúvas - que chegaram e estão na prostituição fundamentalmente porque lhes escasseiam os recursos e as oportunidades para criarem os filhos de outro modo. A pressão da falta, quase sempre extrema, de meios e de formas para lograrem o sustento dos filhos, deixa estas mães praticamente sem espaço de manobra face à alternativa do dinheiro rápido e mais abundante que a prostituição proporciona, uma situação invariavelmente reconhecida como tal, pelas nossas entrevistadas com filhos a cargo.

As condições altamente detrimenais, quer em termos políticos e sociais - o estatuto de imigrantes ilegais, de não-cidadãs, a hostilidade e o acoso social crescentes, o controle e a vigilância policiais cada vez mais maiores, etc. -; quer em termos psicológicos - saudades dos filhos, desamparo familiar, desenraizamento cultural, etc.- que rodeiam a concretização do seu propósito de darem melhor vida aos filhos, convertem estas mulheres em verdadeiras mães-corage. Neste campo, não duvidamos em concluir que os resultados do nosso estudo desafiam abertamente as construções ideológicas que informam as representações socialmente dominantes, que dividem as mulheres em "bem comportadas", as "boas mulheres" e, como tais, esposas e mães dedicadas e as mulheres "malcomportadas", as "más mulheres", as prostitutas, incapazes e indignas, quanto baste, para o exercício do papel de mães. Tais representações aparecem, de resto, extensamente reflectidas no corpo e no sentido de muitos textos legais e na prática das instituições e dos agentes que os aplicam, que frequentemente tendem a declarar as prostitutas como mães incapazes e sem credibilidade, retirando-lhes os filhos para os entregar à assistência social (Roberts, 1996; Pheterson, 2000, Silva, 2001).

O que acima deixámos referido sobre a condição de mães das mulheres prostitutas que entrevistámos, pode, seguramente e em larga medida, ser tomado como abonatório da afirmação de Roberts (1996: 334), de que "a divisão das mulheres em prostitutas ou boas mães que os homens quiseram impor é uma das maiores mentiras que se contam acerca da prostituição", por ser certo que é, justamente, por serem boas mães que muitas destas mulheres são prostitutas.

Referências bibliográficas

- APDHA (Asociación Pro Derechos Humanos de Andalucía), 2003, "Una Aproximación a la Prostitución y a la Industria del Sexo". Paper presented to the workshop - *Mujeres inmigrantes que hacen de la Prostitución su Modo de Vida*, ora. APDHA, 10 /05.
- BONELLI Elena & Marcela ULLOA (coords), 2001, "Tráfico y Inmigración de Mujeres en España. Colombianas e Ecuatorianas en los Servicios Domesticos y Sexuales", *Informe*,. Ed. ACSUR-Las Segovias, Madrid.
- BRIZ, Carmen 2002, "Ni Victimas, ni Esclavas: Trabajadoras del Sexo", (interview to Cristina Garaizábal), *Trabajadoras*, nº 4, pgs 10-12.
- MATHIEU, Lilian, 2003, "The Emergence and Uncertain Outcomes of Prostitutes' Social Movements". *The Journal of Women Studies*, Vol.10, nº1, pp 29-50.

- PHETERSON, Gail, 2000, *El Prisma de la Prostitución*, Madrid: Ed. Talasa.
- RIBEIRO, Manuela & Octávio SACRAMENTO, 2002, "Prostituição Feminina no Espaço Transfronteiriço Ibérico: Um Caso muito Particular de Circulação de Pessoas" *Sociedade e Cultura* 4, *Cadernos do Noroeste*, Série Sociologia, Vol. 18 (1-2), pp. 205 – 227.
- RIBEIRO, Manuela & Octávio SACRAMENTO, 2005, "Off-Duty Violence Against Women Prostitutes in the Portuguese-Spanish Frontier Region", Artigo aceite para publicação pelo *European Journal of Women Studies*.
- ROBERTS, Nickie, 1996, *A Prostituição Através dos Tempos na Sociedade Ocidental*, Lisboa: Ed. Presença.
- SILVA, Susana M. R., 2001, *As Fronteiras das Ambivalências. Controle e Poder Institucionais sobre a Prostituição Feminina*. Tese de Mestrado em Sociologia, Univ. do Minho, Braga.